



ST7. VEREDAS HISTORIOGRÁFICAS NOVAS LINGUAGENS PARA PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA

437

UMA HISTÓRIA (IN)CONSCIENTE: HISTORICIDADES NAS CRÔNICAS DATADAS DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO¹

Thuca Kércia Morais de Lima²

Resumo: As diversas manifestações literárias podem ser concebidas na perspectiva daquilo que chamamos de Cultura Histórica, que segundo Flores (2007) constitui-se nas experiências vivenciadas pelo homem no exercício de suas práticas culturais, independentemente de terem sido projetadas para fins historiográficos. A escolha por analisar a crônica por este viés dialoga com o que nos propõe Chartier (1999): considerar as transações entre invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social. Este trabalho visa analisar algumas crônicas do escritor gaúcho Luis Fernando Veríssimo, presentes no livro intitulado “A Versão dos Afogados: Novas Comédias da Vida Pública” (L&PM, 1997), “um livro do Brasil real”, onde os fatos mesclam-se ao humor, ao ceticismo, as contradições do nosso cotidiano, tornando possível aquilo que White (2005) denomina de imagem verbal da realidade. Assim, o que nos interessa é perceber na obra de Veríssimo uma historicidade (in)consciente, na medida em que este revela pelas entrelinhas uma visão de mundo peculiar, mas que em grande parte reflete a nossa contemporaneidade.

Palavras-chave: Crônica. Cultura Histórica. Veríssimo.

INTRODUÇÃO

A crônica, este gênero híbrido e fugaz, é constantemente alvo de discussões a cerca de sua classificação, entretanto, para este trabalho interessa-nos o que diz Antônio G. da Cunha em seu *Dicionário Etimológico* (1982), que afirma ser esta um gênero pertencente a história, basta voltarmos nosso olhar para sua etimologia: *Khrónos*, vem do grego, significa tempo e tem relação direta com o relato da sucessão dos fatos de acordo com essa ordem temporária.

Inegavelmente a crônica trás consigo o lugar social do autor, seja por meio do estilo, do contexto em que foi produzida, da metodologia empregada, ou mesmo do

¹ Trabalho orientado pelo professor Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

² Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: thucakell@hotmail.com

posicionamento político de seu mentor. O historiador Roger Chartier, já nos atenta para este fecundo diálogo entre o texto literário e a história:

Trata-se também de considerar o sentido dos textos como o resultado de uma negociação ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam, ao mesmo tempo, os materiais e matrizes da criação estética e as condições de sua possível compreensão. (CHARTIER, 1999, p.1)

As crônicas de Luis Fernando Veríssimo selecionadas para este trabalho nos permitem articulações com a ideia de que os imaginários são formas de construções sociais e que são também compostas de especificidades. Aqui, deixemos que a Literatura apresente uma imagem verbal da realidade (WHITE, 2005), de forma que estas assumam configurações e sentidos diferentes ao longo do tempo e através do espaço.

Dentro da perspectiva da cultura histórica, veremos quão promissor se faz o uso da crônica enquanto fonte na construção historiográfica. Para tanto, a definição que temos desta é a do historiador Elio Chaves Flores:

Entendo por cultura histórica os enraizamentos do pensar historicamente que estão aquém e além do campo da historiografia e do cânone historiográfico. Trata-se da intersecção entre a história científica, habilitada no mundo dos profissionais como historiografia, dado que se trata de um saber profissionalmente adquirido, e a história sem historiadores, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, ativistas, editores, cineastas, documentaristas, produtores culturais, memorialistas e artistas que disponibilizam um saber histórico difuso através de suportes impressos, audiovisuais e orais. (2007; p.13)

Considerando a preocupação de Veríssimo com os fatos e a realidade histórica, este trabalho compromete-se em desvendar a teia da qual sua produção jornalístico-literária encontra-se imersa, dando ênfase, sobretudo, ao contexto de sua produção, e aos elementos formadores de sua narrativa, elementos estes que acabam por imprimir no autor uma poética própria, que transcende a simples função jornalística de retratar o cotidiano.

O livro em questão, nada mais é do que o testemunho de Veríssimo perante o tempo em que viveu, tempo este, permeado de incertezas – a redemocracia, o governo FHC – mas é também uma hermenêutica do “pensamento do povo brasileiro”, ou até mesmo do “ser brasileiro”. O que se vê por trás da ironia, do exagero e do pitoresco é aquilo que gostaríamos de dizer e de fazer, mediante o momento em que vivia o Brasil.

VERÍSSIMO: LITERATURA E HISTÓRIA NUMA FRONTEIRA MÓVEL

Luis Fernando Veríssimo, escritor gaúcho, é autor de obras consagradas da literatura brasileira, tal como: O Analista de Bagé (L&PM, 1981), Comédias da Vida Privada (L&PM, 1994), As Mentiras que os Homens Contam (Objetiva, 2000). Sua

principal marca é o bom humor, a ironia e a facilidade com que trata de temas – muitas vezes complexos – de nossa vida cotidiana.

No livro “A Versão dos Afogados: Novas Comédias da Vida Pública” (L&PM, 1997), Veríssimo nos faz percorrer as páginas do Jornal do Brasil no período que compreende dezembro de 1994 e setembro de 1997. As 347 crônicas datadas que compõem a obra são na sua grande maioria voltadas para assuntos políticos, sobretudo concernentes ao governo de Fernando Henrique Cardoso, o qual o autor trata por *Éfe Agá*.

Percebe-se nestas crônicas – relatos do cotidiano – uma (re)escrita da história do tempo presente, com o uso da criticidade, bem como do humor. Veríssimo capta as “coisas miúdas”, as sensibilidades. Elementos que são inclusivos pertinentes ao ofício do historiador, como se pode ver em “A História Gorda”:

Ao contrário do que se pensa, a História não é uma estenógrafa ascética que fica sentada num canto anotando tudo. É uma senhora gorda e pouco confiável, que prefere uma fofoca a um fato cuja versão varia de acordo com a plateia. Tem pretensões literárias, além de varizes, e um certo gosto pelo drama barato. Há casos em que você lamenta a inexatidão dessa História emotiva de coxas grandes e anseia pelo relato frio de uma estenógrafa. (1997; p. 18)

No trecho vemos que o termo “fofoca” nos remete a pensar na fragmentação do campo historiográfico, a exploração do ‘não factual’, visto que assistimos hoje a produção de uma história em que a fragmentação é levada ao extremo e o universal não é mais pensável, o conhecimento histórico vigente aborda um mundo humano parcial, limitado, descentrado, em migalhas. (REIS, 2007), e nosso interesse é cada vez mais voltado aos ‘pedacinhos’ e não mais ao fato como um todo.

Quando lemos “cuja versão varia de acordo com a plateia”, é viável que percebemos aí a referência à questão da parcialidade, da intervenção do leitor/pesquisador, ou seja, no receptor a quem a história é destinada. Sabendo que a leitura só se completa com o olhar de quem lê, e que tanto a escrita quando a recepção da História é dotada de interesses pessoais e institucionais, logo, nunca inócua. É sobre isto que nos alerta Antônio Cândido quando fala do escritor e do público:

O público é condição do autor conhecer a si próprio, pois esta revelação da obra é sua revelação [...]. Sem o público, não haveria ponto de referência para o autor, cujo esforço se perderá caso não lhe correspondesse uma resposta. (1965, p.90)

Outra questão que podemos extrair ainda é referente as “pretensões literárias” existentes na História, que durante tanto tempo foram temidas e até repugnadas pelos historiadores, mas que nos últimos anos vem ganhando mais visibilidade e conseqüentemente um maior crédito. Durval Muniz de Albuquerque Jr, diz que esse medo que tínhamos de que a História virasse literatura se dava pelo fato de que:

A História seria discurso que fala em nome da razão, da consciência, do poder, do domínio e da conquista. A literatura estaria mais identificada com as paixões, com a sensibilidade, com a dimensão poética e subjetiva da existência, com a prevalência do intuitivo [...] (2007, p.247).

Portanto, onde muitos viam ameaça à história, hoje percebe-se que é possível e até necessário que haja um diálogo, uma conexão. Sandra Pesavento (2006), afirma que “o imaginário é sempre um sistema de representações sobre o mundo, que se coloca no lugar da realidade, sem com ela confundir-se, mas tendo nela o seu referente” (p.2). Assim, a literatura não pretende ser igual a História – nem o contrário – mas a existência da Literatura já nos é um indício histórico, portanto deve ser estudado e discutido, na medida em que nos ajuda a compreender aquilo que chamamos de realidade, ou mesmo de cotidiano, como preferirmos.

Veríssimo fala também daquilo que os pós-estruturalistas concebem como crise dos paradigmas, embora não use o termo, o referido autor, percebe a mudança dos tempos atrelada a mudança no pensamento, e é claro que de forma sensível e humorada lista suas inquietações e nos faz pensar historicamente a questão, vejamos alguns fragmentos da crônica poética *Elegia*, de 1995:

Este é o século das ilusões perdidas
Dos heróis desmascarados
E das certezas falidas
Nada era o que parecia
O riso era enlatado
O socialismo era errado
Marte era um descampado
E o Rock Hudson era tia. (p. 41)

Nessa mesma crônica, o autor fala da “morte de todos os nossos nortes”, norte, seria assim, a direção para onde nossas certezas convergiram. Logo, as verdades de outrora, foram desmascaradas pelo tempo, pela história, a ausência de uma verdade única e imutável também se expressa no conjunto de sua obra.

E no que diz respeito a historiografia, ele ainda vai fazer referência ao passado, em “Lixo” também de 1995:

Outra propriedade do passado como matéria orgânica é que ele é instável, mudando de significado a cada hora. Cada vez mais o historiador é um laborista a tirar novas teses de velhos fatos e de detritos em decomposição (p. 81)

Veríssimo está atento ao fazer história na contemporaneidade, sobretudo daqueles que se dizem seguidores de Nietzsche, que propõem um olhar diferente para o passado, um olhar que o molde, que o mastigue e extraia aquilo que lhe for pertinente, e nós bem sabemos da relatividade da relevância dos fatos históricos.

VERÍSSIMO E A HISTÓRIA POLÍTICA

É evidente na crônica de Veríssimo a relação entre texto e contexto, visto que as crônicas jornalísticas diárias tendem a falar de assuntos pertinentes do momento. Mas o que diferencia o nosso autor dos demais cronistas brasileiros é o fato de inserir em seus escritos determinados assuntos – que inicialmente parecem soltos – para que funcionem como fio condutor para análises críticas de temas polêmicos.

Todo o livro vai enveredar por este recurso, que consiste em esconder sobre máscara do banal, do cômico, do secundário, assuntos que geram problemáticas sociais, que suscitam análises e, sobretudo, compreensão. Sobre tal aspecto, Sérgio de Paiva Alencar nos aponta que,

A crônica tem como características fundamentais a fidelidade ao cotidiano, “pela vinculação temática e analítica que mantém em relação ao que está ocorrendo, aqui e agora; pela captação dos estados emergentes da psicologia coletiva”, e a crítica social, que o cronista realiza de modo dissimulado e com ar despreocupado (ironicamente ou com feição de conversa fiada), como se estivesse falando coisas sem importância, entrando a fundo no significado dos atos e sentimentos humanos. (ALENCAR, 2009, p. 5)

Desse modo, veremos na crônica que dá nome ao livro: “A versão dos afogados”, que Veríssimo ao resumir a teoria da fama do boto que já salvou muitos pescadores e surfistas do afogamento, mostra que por outro lado ele também conduziu muitos às profundezas do mar, porém a versão dos afogados ninguém fica sabendo. O que ele propõe é nos mostrar os dois lados do neoliberalismo que está em ascensão naquele momento no Brasil, observando como o monopólio da informação contribui para que apenas o lado bom venha à tona.

Ainda sobre o liberalismo, Veríssimo afirma na crônica “Centauró” de 17/08/1995:

Como um centauro teórico, o neoliberalismo brasileiro tem a cabeça e o tronco lá em cima, na economia globalizada e nas mais altas justificativas do mercado, e o corpo aqui embaixo, no clientelismo, na politicagem explícita, no arranjo – enfim, no chão enlameado do real. (p. 97)

Em contrapartida, no mesmo período, Manuel Cambeses Junior, chefe da Divisão de Assuntos Internacionais da Escola Superior de Guerra, escrevia que

Em nosso país, no período do Governo Collor, pretendeu-se adotar o modelo neoliberal, considerado naquela época um paradigma de solução da economia contemporânea. Hoje, o Governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso adota evidentes medidas, como é o caso das emendas constitucionais, de cunho neoliberal, na tentativa de salvar o Real e tentar imprimir uma definitiva arrancada para o desenvolvimento. (2009; p.1)

Percebemos na fala da autoridade citada, que a opinião de Veríssimo contraria o que pensava a elite sobre o desenvolvimento do país, e mais ainda, sua visão emerge de baixo, ou seja, condiz com a situação das classes sociais menos abastadas que assistiu – e tão somente assistiu de fora – estas mudanças.

As críticas a cerca da figura de Fernando Henrique Cardoso, o *Éfe Agá*, aparecem na obra como um ponto forte, contrariando o que afirmara José Carlos Reis que refere a este como um “político excepcional” (2007; p.237), Veríssimo insiste na dubiedade do homem: presidente vs. sociólogo. Chegando a tratá-lo como duas pessoas diferentes.

Haverá ainda outros temas históricos abordados por Veríssimo, como nas duas crônicas que se completam “Frank I” e “Frank II”. Na primeira o autor cita os personagens da Mary Shelley: o ‘Frankenstein’; e de John Polidori: o ‘Conde Drácula’. Surpreendentemente, ele usa a metáfora dos dois monstros para resumir um evento importante da história contemporânea: a Revolução Industrial.

As ciências e as ideias liberais tinham se juntado para criar um monstro. Como o doutor Frankenstein, feito com partes de cadáveres de camponeses, com restos mortais do mundo feudal (p. 33).

E,

O vampiro de Polidori é o senhor feudal que chupa o sangue dos outros por uma danoção ancestral, por um vício sem proveito. É a aristocracia sem fins lucrativos recusando-se a largar seu feudo, um inimigo da nova burguesia tanto quanto o proletariado emergente (IDEM)

Porém esta facilidade com o qual o cronista vai de um tema a outro completamente diferente, demonstra sua habilidade e conhecimento para com a História. Não seria o caso de afirmarmos que este autor faz uma História (in)consciente, na medida em que suas crônicas nos fornecem dados úteis a nossa compreensão histórica, ou pelo menos, nos chamam a adentrar nela?

E é esse caráter histórico intrínseco na obra de Veríssimo que confere certa concretude para aquilo que atribuímos apenas efemeridade. Além disso, é preciso que se ressalte que a transposição da crônica jornalística para o livro age como um fator de estabilidade. Sobre isto, Jorge de Sá apresenta-nos uma belíssima metáfora:

Ora, o cronista de jornal também é um escritor, e também ele deseja escrever algo que fique para sempre. A crônica, portanto é uma tenda de cigano enquanto consciência da nossa transitoriedade; no entanto é casa – e bem sólida até – quando reunida em livro, onde se percebe como maior nitidez a busca de coerência no traçado da vida, a fim de torná-la mais gratificante e, somente assim, mais perene (1985, p.17).

No campo ideológico, percebemos ao longo do livro todo certa indignação de Veríssimo com o fato do atual presidente ter se tornado um político de direita, contrariando toda uma carreira, pois sabemos que este, enquanto sociólogo e militante pós década de 1960 levantada a bandeira das esquerdas, como podemos ver na crônica “Onde Está a Esquerda”, de 07/07/1995:

Depois de uma longa procura, a Esquerda Brasileira foi localizada [...], ela mora numa casa de porta e janela [...] a Esquerda vive com um sargento da PM e uma enteada. Segundo os vizinhos, apanha diariamente do sargento e da enteada [...]. Quando não está apanhando dos outros, a Esquerda Brasileira costuma se atirar de ponta-cabeça contra as paredes [...]. Ela explica seu desaparecimento, que levou muita gente a julgar que tivesse morrido, dizendo que ficou muito magoada quando uma certa pessoa, a quem só se refere pelas iniciais ('Êfe Agá'), a abandonou, recusando-se a levá-la para Brasília como prometera [...] (p. 78)

A personificação da Esquerda Brasileira na crônica lhe confere certo sarcasmo, na medida em que trata de algo que realmente ocorreu, com o desaparecimento dos defensores políticos de esquerda após a consolidação democrática em fins da década de 1980, ela se tornaria mais rara chegando a cair em descrédito. Veríssimo trata o FHC como um traidor, visto que este chegou ao poder por via da esquerda, e agora se consolidara no poder como um dos maiores expoentes da nova direita que estava então nascendo.

Resguardando os devidos riscos de ser contrariado, pode-se dizer que a crônica de Luis Fernando Veríssimo já nasce como uma casa sólida, na medida em que está ancorada no solo da história. As crônicas que estão presentes no livro analisado já nascem com a função primordial de nos levar para um *agora*: o *agora* de meados da década de 1990, o *agora* vivido pelo autor. Em meio a isso, “a magicidade da crônica está presente mesmo nos textos em que a atmosfera política torna o diálogo com leitor mais referencial” (SÁ, 1985; p.19).

É desestruturando, montando e desmontando a realidade numa brincadeira inquietante que Veríssimo nos faz compreendê-la. A História também é esse monte e desmonte de fatos (re)ordenados ao bel prazer de seus manipuladores (os que fazem a História). Assim, uma das maiores contribuições do gênero literário para a ciência é nos mostrar coisas sérias de forma humorada e inteligente, fugindo a normas e padrões acadêmicos vigentes, porém nos envolvendo de um prazer singular.

Por fim, nos parece que Veríssimo, muito se interessa pela História, prova disto é a obra utilizada como objeto deste trabalho, admitindo a dificuldade de selecionar apenas algumas de suas crônicas que fizessem alusão, ou que nos desse alguma contribuição no que diz respeito a História, a tarefa assume-se como prazerosa, visto que a leitura das crônicas somada ao exercício historiográfico são práticas compostas de construções interessadas, onde prevalecem nossas interpretações bem como nossas vontades.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História a Arte de Inventar o Passado**. – Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALENCAR, Sérgio Paiva de. **Jornalismo e Literatura nas Crônicas de Carlos Heitor Cony**. Fortaleza, 2009. Monografia – Curso de Jornalismo, Faculdade 7 de Setembro.

CAMBESES JUNIOR. Manuel **O Brasil diante do Neoliberalismo** disponível em: <http://www.esg.br/uploads/2009/03/cambeses1.pdf> . Acesso em 20/07/2014.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CHARTIER, Roger. **História e Literatura**. In: Conferência proferida por Roger Chartier. Salão Nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. França, cinco de novembro de 1999.

FLORES, Elio Chaves. **Dos Feitos E dos Ditos: História d Cultura Histórica**. In: *Saeculum: Revista Histórica*. [16]; João Pessoa, jan/ jun. 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história**. [28/01/2006]. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>. Acesso em 20/06/2014. Acesso em julho de 2014.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC**. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios)

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **A Versão dos Afogados: Novas Comédias da Vida Pública**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

WHITE, Hayden. **As Ficções da Representação Factual**. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Deslocalizar a Europa*. Lisboa: edições Cotovia, 2005.